

A TRANSCENDÊNCIA HORIZONTAL: A AÇÃO E RESPONSABILIDADE COMO ELEMENTOS DE UMA MORALIDADE NO EXISTENCIALISMO DE JEAN-PAUL SARTRE

LA TRANSCENDANCE HORIZONTALE: L'ACTION ET LA RESPONSABILITÉ COMME PRÉSUPPOSÉS MORAUX DANS L'EXISTENTIALISME DE JEAN-PAUL SARTRE

Thiago Teixeira*

RESUMO

A discussão moral, a partir das acepções de Jean-Paul Sartre, foi o terreno de verificação de minha dissertação de mestrado, defendida em março deste ano e que teve por título: Sartre e a moral suspensa: ação e responsabilidade como sustentáculos da moral existencialista de Jean-Paul Sartre. A liberdade — estrutura da condição humana — faz com que o homem se assuma integralmente como responsável por sua existência e, mais, de todos os valores que surgirão através da transvalorização que ele mesmo empreenderá, isto é, das alterações que ele realizará em situação. Nesse sentido o homem faz a si mesmo, sua essência e os valores profunda e largamente humanos de seu tempo. Além disso, ele assume total responsabilidade pelo que faz, visto que não há nada além, acima ou dentro dele mesmo que justifique a sua existência.

PALAVRAS-CHAVE: Sartre; moral; ação; responsabilidade; liberdade

RESUMÉ

L'argument moral, de la signification de Jean-Paul Sartre, le terrain a été vérifié ma thèse, soutenue en Mars de cette année, et le titre: Sartre et la morale suspendu: l'action et de la responsabilité en tant que piliers de la morale existencialiste Jean-Paul Sartre. Liberté - la structure de la condition humaine - fait l'homme à assumer pleinement son existence en tant que législateur, et la plupart de toutes les valeurs qui se dégagent à travers la revalorisation qu'il entreprendra, à savoir les changements qu'il maintenu en position. Dans ce sens, l'homme lui-même, son essence et les valeurs humaines profondes et larges de son temps fait. En outre, il assume l'entière responsabilité pour ce que vous faites, car il n'y a rien au-dessus ou en lui-même qui justifie son existence.

MOTS-CLÉS: Sartre; moral; action; responsabilité; liberté

* Mestre em Filosofia pela FAJE – Faculdade de Filosofia e Teologia. E-mail: thiago_philosopho.exist@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A ação e a responsabilidade no contorno epistemológico do pensamento de Jean-Paul Sartre são os nossos objetivos principais. Buscamos nesse texto discutir estes conceitos no contexto da moral. No entanto, reconhecemos a inviabilidade de ser sustentada, a partir dos escritos de Sartre, uma ética nos moldes de Aristóteles e Kant, por exemplo, que, como sabemos, apresentam-se como os dois pilares éticos do Ocidente. Sartre se distancia dos sistemas morais e de suas possíveis delimitações do comportamento humano para não se contradizer. Pensamos que a promessa anunciada no fim de *O ser e o nada*, isto é, quando Sartre aponta que a responsabilidade situada deveria ser discutida sob vias da moralidade e, para isso, dedicaria uma obra¹ que tratasse desta querela, permanece em aberto por um motivo claro (SARTRE, 2009, p.765). Sartre não se propôs a escrever um tratado moral, para que sua filosofia da liberdade não se perdesse em delimitações normativas que servissem como direcionamento das vidas humanas, o que se aproximaria do que nosso autor chama de má fé, ou seja, a recusa da criação do projeto existencial em nome de totalidades encontradas fora de nós.

Nosso filósofo então promulga sua filosofia existencial alicerçada na liberdade do sujeito e em sua abertura às ações possíveis que ocorrem ininterruptamente. Estas, como sabemos, constroem o próprio homem, bem como todo o universo humano que o circunda. Nós não ousamos trazer à obra de Sartre algo que não lhe pertence, no entanto, compreendemos que a ação e a responsabilidade aparecem no arcabouço teórico verificado em Sartre como elementos nitidamente morais. Desta feita, colocamos em relevo a seguinte questão: há uma moral existencialista, ao tratarmos dessa doutrina de pensamento na perspectiva de Sartre?

Somos impelidos, pela ausência de um tratado moral sistêmico e normativo nos moldes dos grandes filósofos morais, a responder que não. No entanto, não podemos

¹ É sabido que este tratado moral nunca foi concluído por Sartre. Ela, inicialmente, teve por título *L'homme*. No pós-guerra Sartre se dedicou a escrever aproximadamente duas mil páginas, mas abortou o projeto em 1949. Em 1964, influenciado por questões marxistas, retoma a escrita, no entanto, abandona esta obra e se dedica a outra, mas esta dedicada a Flaubert (*L'idiot de la famille*). Após a morte de Sartre, a Gallimard publicou os *Cahiers pour une morale* (1983) texto contendo 583 páginas escritas entre 1945 e 1948. Nos *Cahiers* encontramos textos incompletos.

desconsiderar o aceno ético que permeia as reflexões do existencialista francês. Sabemos que, no fim de seu *Ensaio de ontologia fenomenológica*, Sartre chama a atenção ao fato de que o estudo do ser não pode prescrever leis morais. No entanto, ao tratar do ser do homem — isto é, do ser do *para-si* —, a liberdade se evidencia como estrutura desse modo de ser, apontando para um horizonte moral. O homem, inteiramente responsável por sua existência, dado o nada que define sua liberdade de ser, traz a si o compromisso total de realizar-se. Há aqui a responsabilidade em face de sua realidade que é em situação. Através da ontologia não podemos estabelecer leis morais, todavia, nela é possível entrever que a ação e a responsabilidade podem ser consideradas, no pensamento de Jean-Paul Sartre, fundamentos de uma perspectiva moral.

Há aqui, portanto, uma relação entre ontologia e ética. Esta relação é ambivalente, isto é, por um lado, “a ontologia não pode formular *de per se* prescrições morais” (SARTRE, 2009, p.763), pois se preocupa com a descrição dos seres e, como sabemos, ao descrever os seres e suas atribuições, não orienta suas ações. De outro lado, ao colocar em cena o ser do *para-si* e a recusa de vinculações essencialistas que, de antemão, deixariam previstas suas ações e direcionamentos, admitimos que está implicado um horizonte ético e estritamente humano, através do compromisso que esse ser possui com a existência, isto é, a responsabilidade que ele terá. Sobre essa relação lembramos Franklin Leopoldo que diz,

A descrição ontológica se dá de tal maneira que ela se associa necessariamente a uma ética da responsabilidade, devido à reciprocidade que se constata entre a descrição da liberdade e a assunção da responsabilidade. Talvez por isso, a descrição da realidade humana em *situação* apresenta, desde a sua primeira versão no *Diário de uma guerra estranha*, implicações éticas relativas às formas com que o sujeito assume a situação que deve viver em termos de conduta, isto é, segundo suas escolhas de ação. (LEOPOLDO, 2006, p.151).

Notamos que a derrelição do homem se desdobra em ação e que o aspecto mais profundo da ação é a liberdade. Deste modo, a gratuidade da existência do homem incita à construção de si mesmo e do mundo, o que ocorre através do que ele empreende. Não há nada que dê sentido ou mantenha os valores acima do homem. Logo, não há valor antes da existência, bem como não há essência de homem que o anteceda. Outrossim, encontram-se nessa discussão pressupostos ontológicos e morais, embora daquele campo não se retirem normas de conduta que, são como sabemos, pressupostos desse último terreno.

A liberdade é condição humana e, ao mesmo tempo, fator indispensável para que o homem aja moralmente, exercendo essa mesma liberdade absolutamente situada e transvalorando seu tempo e as condições materiais nas quais ele está inserido.

Para lançar-se “ao” mundo enquanto *ego* conscientemente e iluminador há que se ter consciência de que a liberdade é a estrutura elementar da condição humana. O mundo é humano, porque foi criado e recriado por homens que o escolhem e se escolhem dentro dele. Deste modo, o homem não pode escapar de suas escolhas. Escolha, ação e responsabilidade são pressupostos imbricados na realidade humana. As escolhas indicam a realização existencial que se dá, em curso. Até a guerra se apresenta, para nosso autor, como um campo de posse do homem. A guerra que vivemos é tão nossa quanto nosso projeto existencial. Eis o motivo:

Trata-se de uma imundice que deve ser rejeitada. Mas atenção: rejeitá-la *quando se está em paz* (fazer tudo para evitá-la) e não quando se está em guerra. Depois de ter sido declarada, convém mergulhar nela porque permite viver à maneira existencial. Ela é um modo de realização existencial. Abjeção do homem, libertação da consciência transcendental, ruptura com a “vida”, presença da morte, anonimidade do indivíduo e do lugar. Vivê-la deste modo é vivê-la como um anti-herói. Mas, além de conhecê-la, trata-se de fazê-la e fazer-se em guerra, fazer-se para ela. Naturalmente, para mim, é uma experiência. (SARTRE, 2005, p.134).

Sartre indica, em seu *Diário de uma guerra estranha*, que a situação é o lugar no qual o homem realizará seu projeto e também o lugar que será atualizado pelo homem. Na guerra, por exemplo, de nada adianta o desejo de que ela seja evitada, uma vez que ela já eclodiu. Desta feita, cabe ao homem tomar para si o lugar, as condições e fazer-se ali. Ela é vista como a situação na qual o homem está. Sendo assim, pertence ao ser do *para-si* e ele é, como nadificador, responsável por sua facticidade. Sendo assim, descobrir os perigos do mundo, os obstáculos que ele mesmo oferece, faz com que o *para-si* posicione e ilumine a sua existência lançada no mundo e, mais, dê, através de sua liberdade, sentido ao que o cerca.

2. AÇÃO, RESPONSABILIDADE E A TRANSCENDÊNCIA DO HOMEM

Notamos que a situação é responsabilidade do homem e, ao mesmo tempo, necessita de sua ação. Responsabilidade, uma vez que o homem criará novas condições, valores e sentidos, ao tomar para si inteiramente o encargo sobre o seu tempo. Noutra ponta, a situação deixa entrever a ação, pois a situação exige a transcendência do homem que empreenderá uma transformação, pautando-se em sua liberdade absolutamente situada, das condições nas quais ele se encontra.

Como sabemos, o existencialismo é devedor da filosofia do século XIX, sobretudo do pensamento de Kierkegaard, que colocou uma lente de aumento sobre o sujeito. O existencialismo de Sartre afirma a realidade do indivíduo como existência num processo contínuo, ou um devir que ocorre em situação. Podemos, portanto, compreender a realidade humana através de dois polos: o primeiro, em razão de seu caráter não substancial, ou seja, não há natureza, tampouco essência humana que seja anterior à existência. O segundo diz respeito à necessidade que aponta a derrelição, ou seja, somos lançados no mundo e, por isso, precisamos nos criar e definir nossa identidade a partir de uma escolha original que se atualiza constantemente.

Para nos definirmos, é preciso reconhecer o processo que caracteriza o projeto que somos e, mais, entender que este processo desenha aquilo que o homem pode ser. Não há identidade humana prévia, e aqui está a recusa de Sartre à Metafísica. Nós nos construímos a partir de um processo horizontal, livre e absolutamente situado. Se nos afastamos da Metafísica, nos distanciamos também das perspectivas nas quais a liberdade é considerada um atributo a ser exercido como o entendimento e a vontade, por exemplo. Entendimento e vontade neste terreno seriam atributos dados ao homem. Logo, consideramos, orientados por Sartre, que antes da construção de nossa essência pela liberdade que somos, não há nada. Existência se contrapõe à essência. Aquela indica que partimos do nada e, através, desse nada estrutural da realidade humana, nos construímos. Aqui há algo interessante: quando nos referimos ao nada como fundamento da realidade do homem, tratamos de condição humana e não de natureza humana. A radicalidade da liberdade existe, porque ela indica a condição do homem, que é um vir-a-ser. A condição humana é um processo.

Este processo é inconclusivo. Se somos de fato a liberdade, nossa existência, por definição, nunca é acabada. Antes da existência humana não há nenhum critério, ou tábua de valores que sirvam de parâmetro para orientar as ações do homem. Liberdade radical é ação de criar-se como homem, inventar-se. Cada ato, em sua intencionalidade, deixa entrever um valor que o homem cria. A intencionalidade é o critério que faz com que o homem escolha este, e não aquele fim. Não há fundamentos substancialistas para a condição humana, isto é, sua existência é definida, num processo ininterrupto, através da ação e, por conseguinte, da responsabilidade imbricada nessa mesma ação. A ação humana, para Sartre, não se pauta em horizontes Metafísicos, como, por exemplo, alcançar a felicidade, ou a bem-aventurança, mas única e exclusivamente no ato de assumir o seu tempo e a transvaloração dos valores e das condições nas quais este mesmo homem habita.

Em cada ação o homem inventa seu ser humano. Essa invenção constante é correlata ao exercício da liberdade. Todavia devemos nos perguntar: Esse exercício é espontâneo? De antemão, respondemos que não. Ora, por quê? Se assim fosse, não haveria angústia como um mal-estar desta condição radicalmente livre do sujeito. Ser radicalmente livre gera, no cerne do ser do homem, um mal-estar. Em primeira instância, pela ausência de valores e critérios, o que nos impele a inventar tudo. Logo, essa angústia surge através do peso de existir. A liberdade é absoluta, originária e ilimitada.

Os coeficientes de adversidade na pós-modernidade corroboram para que esse mal-estar, ou seja, a angústia existencial se intensifique. Notamos que o desejo de se esquivar da responsabilidade para com a própria existência e, mais, de se determinar pelo que é externo como os outros, a história e o passado são marcas evidentes hodiernamente. Fatores como a história, os outros e o passado seriam, deste modo, fatores pelos quais não assumiríamos a responsabilidade de nossa existência, pois nos turvaríamos dela mesma. A globalização, que é o ápice da modernidade, trouxe consigo uma imposição de valores e de modos de vida. Assim, é desejo do homem moderno preencher o “vazio” existencial através da massificação e pelo que nos é oferecido pelas condições materiais. A angústia que emerge como o mal-estar oriundo da liberdade também se expande ao campo moral. Ora, como isso é possível? Se pensarmos que o sujeito se esquia de sua responsabilidade existencial através de condutas de má fé ou aderindo viver sob o jugo do *Espírito de Seriedade*, este mesmo homem escolhe ser inautêntico. Ele vive a liberdade, pois o homem não pode deixar

de ser livre, no entanto, escolhe não escolher. Estamos diante de um problema moral, pois a moralidade diz respeito à lei que o homem dá a si mesmo, como livre, consciente e responsável pelo que faz.

2.1. ESCOLHA E RESPONSABILIDADE RADICAIS DO HOMEM

É comum entre os existencialistas, desde Kierkegaard, tratar do mal-estar que acompanha a existência e que, por sua vez, acompanha a ação e a deliberação. Sabemos que o desespero e o temor em Kierkegaard foram as bases para que Heidegger tratasse da *Angst* e Sartre desenvolvesse, a seu modo, uma teoria acerca da angústia. O que aproxima as perspectivas existenciais de Kierkegaard e Sartre? Compreendemos que, entre outros fatores, esta confluência está na escolha individual e no ato de autodeterminação. Dito de outro modo, tal proximidade está na ação e na escolha do sujeito, isto é, a ação e a escolha deixam entrever para estes dois filósofos existenciais uma responsabilidade total do sujeito não só consigo mesmo, mas com o outro e, sobretudo, com a situação na qual ele mesmo está imerso. Isso fica claro quando Kierkegaard suspende a questão de deixar ou não sua noiva ou quando Sartre nos dá o exemplo do militar que questiona se deveria ou não ficar com sua mãe e recusar o campo de batalha. Notamos a densidade dessas escolhas que são, ao mesmo tempo, absolutamente subjetivas e amplamente contextualizadas, o que não suprime a responsabilidade, ao contrário, maximiza a importância que o sujeito tem em assumir o seu tempo e as questões que o circundam. A decisão do homem reflete-se amplamente no seu tempo e isso nos afasta da inautenticidade tão difundida na contemporaneidade, em razão da massificação. O apelo ético que fica às sombras da teoria sartriana se vincula ao chamamento dos homens para assumirem não só o seu tempo, mas a si mesmos nesse tempo. Tal conduta humana autêntica tem como pressuposto último a inessencialidade da realidade humana que compreendemos como a liberdade, ou seja,

Não somos somente livres, mas como Sartre expressa várias vezes, estamos “condenados a ser livres”. Isso pode parecer um pouco contraditório, considerando que ele sustenta que é a existência humana que introduz valor no mundo, mas tudo que Sartre quer dizer é que não podemos renunciar a essa

liberdade mesmo se quisermos. Dada essa declaração de nossa liberdade radical, necessitamos destacar que Sartre não está ignorando o fato de nascermos em situação, com certas disposições físicas e sociais. Poderíamos ser pobres, oprimidos pelo regime nazista, escravizados pelo colonialismo, ou qualquer outra situação que você possa imaginar. Contudo, para Sartre, isso é o que ele chama de nossa “facticidade” — a soma dos fatos sobre nós, incluindo nossa situação social e circunstâncias físicas — e isso de modo algum subverte a nossa liberdade. (REYNOLDS, 2013, p.87).

A situação não suplanta a liberdade, pois não há liberdade sem contexto isso é, sempre temos opções abertas nesse mesmo contexto para nos rebelarmos, criarmos e recriarmos a ordem vigente. O homem, para o existencialista francês, não está à margem da história, ele se determina como sujeito transcendente que escapa às exigências materiais. Sua transcendência é horizontal, comprometida e engajada. Há aqui uma aproximação entre liberdade e situação, uma vez que é na situação, sob as condições de adversidade, que o homem se faz. Isso significa que o campo de constrangimento factual não subverte a liberdade, ao contrário, faz com que ela seja ratificada enquanto nada do ser que se constrói. Isso impede que o homem seja visto como a soma de fatos que estão presentes nele, mas como personagem principal do horizonte a ser configurado.

Sartre indica que o nada, como estrutura elementar da realidade humana, faz com que o homem transcenda a situação. Transcender imprime à realidade humana a responsabilidade em negar ou niilificar os fatos e as circunstâncias. Qual seria o motivo em negar a facticidade e suas atribuições? Encerraríamos o homem aqui num horizonte de desespero e ausência absoluta de sentidos? Qualquer leitor apressado acreditaria que sim, no entanto, o que Sartre pretende demonstrar está na força da realidade humana em assumir seu próprio projeto e, mais, em lançar-se para além dos fatos como eles são, em reagir às pretensões de determinação, visto que a condição humana, segundo o autor em questão, não pode ser vista sob a égide das determinações. Ser livre é, na mesma medida, ser responsável por si mesmo e pela facticidade a ser superada. Qualquer resquício de determinismo material ou psíquico escapa à realidade humana em seu bojo: a liberdade.

Devemos ressaltar que as escolhas e as ações surgem na solidão e, por sua vez, estão aproximadas do desamparo e da angústia. Todavia, estes não se apresentam, pelo menos em Sartre, como fatores de resignação, ao contrário, indicam que o homem é livre e nessa condição deve fazer-se. Outro aceno que também é explícito nos fatores há pouco citados está no estatuto de universalidade. Como não há predeterminação, a escolha

humana está destituída de valor. Isso significa que o homem, ao escolher, introduz em sua deliberação o critério que o lança a uma realização que se maximiza universalmente. A cada vez que o homem escolhe, visto a ausência de valor aqui encontrada, realiza uma escolha como se fosse para todos os homens. Sua liberdade se encontra com a sua responsabilidade e tanto uma quanto outra são radicais. Compreendemos que a liberdade, além de denotar a invenção da realidade humana também implica na invenção de valor. Sendo assim, o valor último é a própria realidade humana, logo, enquanto nos inventamos como homem, inventamos também o homem.

Ao considerarmos a liberdade e o projeto humano como marcas reconhecíveis em todos os homens, compreendemos assim que há em Sartre uma superação do subjetivismo do qual fora acusado. Isso fica claro quando Sartre esclarece — após ter sido questionado, nas últimas partes da conferência intitulada *O existencialismo é um humanismo* — sobre a presença marcante de temas como *desespero* e *desamparo* em textos existencialistas. Sobre isso, nosso autor afirma que,

Eu não quero dizer que, ao fazer uma escolha entre mil-folhas e uma bomba de chocolate, eu escolho com angústia. A angústia é constantemente no sentido de que minha escolha original é uma coisa constante. De fato, para mim, a angústia é a ausência total de qualquer justificação e, ao mesmo tempo, a responsabilidade em relação a todos. (SARTRE, 2010, p.63-64).

3. A UNIVERSALIDADE DO PROJETO HUMANO

A realidade humana é universal, mas também concreta, isto é, todos os homens são a sua liberdade embora cada um exerça sua condição de acordo com a sua singularidade. Nesse sentido, Sartre rompe com as vinculações que poderiam reduzi-lo a um subjetivismo que inviabilizasse a responsabilidade com todos os homens. Ele declara a existência de dois modos de subjetivismo: o primeiro se firma na escolha do sujeito por ele mesmo, ou seja, a recusa do sujeito em identificar o que há de externo a si como uma verdade presumida e, nesse caso, toda a verificação de verdade está relacionada ao esforço do *cogito*. O segundo é pautado na impossibilidade de o ser humano ultrapassar o fardo de sua condição, visto

que ser homem consiste em empreender um projeto constante e que nunca termina. Ao contrabalançarmos os significados do termo subjetivismo, entendemos que o existencialismo de Sartre se aproxima do segundo, uma vez que a escolha do homem por si universaliza esse ato de escolher e, logo, ele escolhe a todos os homens. Assim, constatamos que a responsabilidade do homem é muito maior do que podemos supor, porque abarca a humanidade inteira. Aqui, é evidente que a responsabilidade se apresenta, ao existencialismo sartriano, como um compromisso moral.

Ao tratarmos de moral, temos que lembrar que Sartre ataca duas bases morais e as chama de insuficientes. Ora, por que as considera inviáveis? Trazemos novamente à nossa discussão o exemplo do militar que deveria escolher entre ficar com sua mãe ou ir ao campo de batalha. A moral cristã advoga em favor da escolha ao próximo, pois este é visto como um irmão. Mas quem escolher? Como decidir? Não seria a mãe e os compatriotas próximos? Ainda na esteira das críticas, Sartre entende que a moral kantiana se apresenta como ineficaz, visto que os imperativos morais, nesse caso, se firmariam em estatutos *a priori* e, como compreendemos, não há como resolver uma situação considerando conjuntos de valores e normas universais que antecedam a facticidade. Ela está aqui, concretamente. Em outras palavras, o nível de abstração que subjaz à moral apriorística incomoda Sartre de modo claro. O que nos resta então? Ora, devemos considerar a escolha e a construção atreladas à situação na qual estamos. O aceno moral indicado por Sartre se firma na ação e na responsabilidade que, ao mesmo tempo, designam a construção do homem enquanto homem. Essa autoconstrução, bem como dos valores, ocorre situacionalmente. Percebemos que há uma preocupação em tratar da responsabilidade pela situação como algo denso e próprio da realidade humana e nós nos apropriamos desse conceito ao relacioná-lo com a ética, ou como entende Arno Münster,

Na conclusão de *O ser e o nada* (1943), Sartre anunciou que iria dedicar um trabalho futuro para o problema moral. Ele anunciou desde já o tom e a perspectiva filosófica de seu próximo livro ao afirmar que “a ontologia não se propõe a formular prescrições morais. Ela se ocupa unicamente do que *é* e não é possível retirar imperativos dos seus indicativos. Ela permite entrever, no entanto,

o que será uma *ética* que toma suas responsabilidades em face de uma realidade humana em situação.” (MÜNSTER, 2007, p.9).²

Notamos que responsabilidade e moralidade se encontram, na medida em que a realidade humana é em situação. Logo, o homem deve se assumir como responsável pelo seu tempo e, mais, por si mesmo nesse tempo. Não há como negar que a responsabilidade humana denota, em Sartre, um aceno moral, visto que o que o homem fará para si mesmo e ao transvalorar seu tempo, afetará aos outros. O homem deve compreender que seu ser é, além do *para-si* — visto que consegue colocar a questão ao seu ser e, desse modo, trazer o nada ao mundo — é também ser-Para-além (SARTRE, 2009, p.673). Isso significa que o homem deve transcender o seu ser-aí. Dito de outro modo, o homem deve buscar, comprometidamente, lançar-se num projeto constante de re-moldura do mundo. A liberdade pressupõe, em Sartre, ação, isto é, movimento do homem em transformar a ordem vigente em detrimento de um horizonte humano e sem opressões. Por não ser a liberdade uma disposição interior, cabe ao homem posicionar a facticidade e resolver seus problemas.

Não raro, liberdade, responsabilidade e ação emergem, nesse texto, como terreno constituinte de uma perspectiva moral. Isto ocorre porque o homem, ao se arriscar e empreender seu projeto absolutamente livre e situado, escolhe intencionalmente seus fins, que afetarão concretamente a todos, mesmo que cada pessoa só realize “uma situação: a sua” (SARTRE, 2009, p.674). Colocamos em relevo que a situação e a transcendência do homem ocorrem de modo concreto. A concretude da situação se diz, restritamente, pelo fato de que o *para-si* não buscará jamais fundamentos universais e abstratos. Devemos esclarecer que há uma universalidade em Sartre, mas esta é concreta. Há, então, uma tensão entre o particular e o universal que se fundamenta pela escolha, mas todo esse trâmite acontece concretamente.

Situação e temporalização indicam terrenos de movimento do *para-si*. Lá ele transcende e aqui ele se faz. A situação e as condições de adversidade apontam o campo no qual se realiza a superação que o homem deve empreender comprometidamente. Noutra

² Dans la conclusion de *L'être et le néant* (1943), Sartre annonce qu'il consacrerait un futur ouvrage au problème moral. Et il annonce déjà la couleur et la perspective philosophique de ce prochain livre en affirmant que “l'ontologie ne saurait formuler elle-même les prescriptions morales. Elle s'occupe uniquement de ce qui *est* et il n'est pas possible de tirer des impératives de ses indicatifs. Elle laisse entrevoir cependant ce que sera une *éthique* qui prendra ses responsabilités en face d'une réalité humaine en situation.” (MÜNSTER, 2007, p.9).

ponta, a temporalização informa o ser do *para-si* e diz que este é o ser que não é. De qualquer modo, tratamos aqui das condições materiais e do homem que se colocara além dessas condições. Aqui estão explícitas a ação e a responsabilidade, visto que o homem, ao transcender, age e o faz radicalmente engajado. A situação é o lugar no qual o homem se faz enquanto homem. Este homem se faz enquanto homem, na medida em que transcende, de modo horizontal, sua própria realidade, isto é, seu ser-Para-além. Isso só é possível através da temporalização. Vale lembrar que nesse jogo existencial o *Para-si* não é fundamento de seu ser, nem do ser dos outros, tampouco dos em-si que preenchem o mundo, mas é impelido a determinar o sentido dos seres, “nele e por toda parte fora dele.” (SARTRE, 2009, p.681).

Constatamos uma tensão em Sartre entre o subjetivo e o universal. Cabe-nos verificar esses polos, primeiro separadamente e, logo em seguida, aproximando-os de modo a verificar como a ação desse homem particular, que se faz constantemente, implica numa responsabilidade que, a nosso ver, apresenta indicativos morais. O homem é o ser que coloca a questão do seu ser, porque seu ser se dá enquanto projeto. Ser homem implica possibilidade. Esta indica o valor que será construído como sua essência. Logo, valor e possível denotam o ser do *para-si*. Ele escolhe e pode fazê-lo, pois seu ser é falta e a liberdade, que é o seu próprio ser, identifica-se com a falta. O homem é “o ser concreto da falta de ser” (SARTRE, 2009, p.691). Ele é o ser pelo qual o valor emerge e surge de modo a atualizar a realidade vigente. O valor não é vertical, isto é, ele não paira de modo absoluto sobre as cabeças dos homens.

Ao contrário, o valor acontece na medida em que o homem determina seu projeto. Se a realidade humana se aproxima do projeto e, ao mesmo tempo, é dita pela liberdade que designa a falta de ser, entendemos, orientados por Sartre, que o homem é desejo de ser. Este desejo que nosso autor compreende como fundamento do homem aponta para uma descrição do ser do *para-si*, isto é, ser da falta e, ao mesmo tempo, dos possíveis. O *para-si* deseja encontrar sua totalidade, isto é, ele deseja encontrar-se como Em-si. Todavia esse desejo jamais se concretiza, pois ele nunca será pleno em si mesmo. Daí a conclusão de *O ser e o nada*: “O homem é uma paixão inútil.” (SARTRE, 2009, p.750). Ora, inútil no que se refere ao desejo de tornar-se pleno, mas isso não minimiza a importância da escolha por si e, mais, pela construção de si que ocorre em situação. Sendo assim, o valor, que é criação

humana, não tem por fundamento a totalidade ou o absoluto que paira sobre os homens, visto que ele surgirá enquanto houver a realidade humana em situação.

Não podemos desconsiderar a importância da situação no que diz respeito à construção do projeto humano. Lembramos que o projeto é um traço que universaliza os homens, embora cada um deles seja vivido singularmente. Cada fator histórico pode ser considerado como fator de evolução do indivíduo. Sendo assim, consideramos que os empecilhos devem ser superados pelo homem. Desse modo, esse mesmo homem terá sempre e cada vez mais a existência em suas mãos. Aqui estão radicalmente dispostos termos como autenticidade e responsabilidade. A escolha pelo mundo pertence ao sujeito e ele é altamente responsável pelo complexo lógico que delimita enquanto escolha original. Sendo assim, o homem ilumina a si mesmo e posiciona o mundo, dando-lhe significado e valor. A responsabilidade do homem é abrangente. Reconhecemos que ela é, a partir do olhar de Mészáros, interpretada como os “modos de produzir mudanças radicais no mundo.” (MÉSZÁROS, 2012, p.119). Para esse autor, o homem deve identificar e utilizar as contradições, forças e instituições historicamente dadas e adequar-se a exigência de sua ação que, por sua vez, designará a alteração de uma realidade sufocante. Notamos aqui um traço moral, na medida em que o homem assume um compromisso consigo mesmo, com o seu tempo e sua realidade. Nesse sentido,

O pensamento de Sartre reflete a preocupação, dita “existencial”, de que o homem, posto no mundo pela sociedade, pela política, pela família, pela educação ou por hábitos adquiridos, está sempre, não num corredor estreito ou num curral, mas numa encruzilhada de múltiplos caminhos, deve revestir-se da responsabilidade de uma opção atuante, participante, por mais que isso possa parecer inquietante e incômodo. (GÓIS, 2008, p.66).

A nós importa a constatação de que a ação é traço fundamental para essa preocupação existencial, visto que o homem será o ser que construirá sua essência a partir de sua existência. A responsabilidade se interpõe a esta construção, uma vez que não há nada — nenhum valor ou sentido prévio — que sustente a vida humana. Em outras palavras, para Sartre há o esforço em analisar o homem em situação, enquanto responsável por aquilo que se torna não só no âmbito individual, mas também coletivamente. Se quisermos existir, se, de fato, nossa existência precede a essência, ao construir nossa imagem, esta mesma imagem será “válida” e compreensível para todos os homens: ao

escolher a nós mesmos, escolheremos assim a humanidade. Percebemos aqui um humanismo que, podemos aproximar, sem restrições das discussões morais. Esse humanismo promulgado por Sartre também possui suas bases na ação e na responsabilidade.

Destarte, o homem surge no mundo como nada e, a partir desse estar-no-mundo, pode se definir. Dito de outro modo, ele não é nada além do que se tornar. Sendo assim, afastamo-nos da concepção de natureza humana, pois não há um Deus para concebê-la e nos aproximamos da condição humana, qual seja, a condição de o homem ser aquilo que se faz.

O fazer-se ao qual nos referimos ocorre a partir da realização do *projeto fundamental*. O homem é, antes de tudo, nada, pois não há natureza humana atribuída por Deus. Ele está sem escusas, ou seja, não está sob a égide de nenhum estatuto fora ou dentro de si que legitime e oriente seu *movimento de ser*. O que nos coloca frente a uma questão: pode o homem agir de modo arbitrário, isto é, escolher-se de qualquer modo, a esmo? Respondemos que a liberdade não designa escolhas aleatórias, mas ela é e ocorre concomitantemente com a realidade humana que vislumbra o tornar-se. Nesse sentido, fazer-se denota *uma eleição originária de si*. O projeto é a tomada de consciência do homem daquilo que ele pode ser e se efetiva pelas ações empreendidas para tal realização.

Encontramos nesse projeto o caráter de indeterminado, pois se realiza a partir do nada de ser, da existência humana que se abre aos possíveis. Assim concluimos que, a realidade humana se confunde com a liberdade, uma vez que o homem está “condenado a ser livre” (SARTRE, 2010, p.33). Condenado, por não ter criado a si mesmo. Livre, pois se inventa e assume inteira responsabilidade por tudo que faz. O homem para Sartre “é a sua liberdade” (SARTRE, 2010, p.33) e essa deve ser vivida na radicalidade da responsabilidade, pois não havendo valores *a priori*, firmados na existência de Deus, cabe ao homem agir e criar um horizonte humano que contemple a si mesmo e a outrem. Esta criação só se dá em nível de escolha como elemento fundamental do ser humano.

Escolher, para o autor francês, pressupõe a responsabilidade da qual falamos há pouco. O homem é plenamente responsável pelo que é, mas esse encargo sobre a existência não se encerra num individualismo, pois o homem deve levar em consideração a si mesmo e a todos os homens. Ao escolher por si, cada homem escolhe por todos os homens, isto é,

criamos a partir de nossas escolhas a imagem de homem que vale para nossa época inteira. Se escolhermos, por exemplo, como operários, aderir ao partido cristão, ratificamos nossa resignação frente à realidade e apresentamos uma adesão à perspectiva de que o reino do homem não se dá nesta terra.

Frisamos que o importante está na compreensão de que o homem é largamente responsável pelo que faz subjetivamente e coletivamente. Seu engajamento é firmado nos pressupostos da ação, pois ele será motivado a agir de acordo com seus móveis e responsável pelo compromisso a que adere frente à realidade. Sartre considera que o homem não deve se abandonar ao quietismo, isto é, fundamentar sua realidade existencial numa fórmula antiga “Não é preciso esperar para começar” (SARTRE, 2010, p.41). Isso significa que o homem deve fazer o que puder, fazer tudo que estiver ao seu alcance — aqui está a aproximação com o concreto e a recusa do abstrato — para a transformação da realidade que o cerca. O engajamento é, sobretudo, em Sartre, a escolha do homem pelo seu tempo e, mais, a adesão transformadora de uma situação de constrangimento factual.

Entendemos que o existencialismo é contrário ao quietismo e possui, em alto grau, os elementos morais da responsabilidade e da ação. É contrário ao quietismo, pois exige do homem ação, visto que “só existe realidade na ação” (SARTRE, 2010, p.42). O homem só realiza sua existência quando age. Ele pode ser considerado o conjunto de seus atos, ou seja, a recusa de premissas como: “As circunstâncias não me foram favoráveis” ou “deixarei que os outros façam aquilo que não posso.” O existencialismo de Sartre declara que a ação é fator imprescindível para que haja homem e, mais, que esse mesmo homem se construa e impreterivelmente seja responsável pelo que faz de si mesmo e com os outros. Se o homem é sua vida e se sua vida é o conjunto de atos responsáveis que empreende, constatamos que estes termos possuem em Sartre traços de uma moral existencial, visto que o homem mesmo terá em suas mãos o peso de escolher — o que já é um bem — a melhor maneira de ser homem concretamente.

Os traços morais que trouxemos a esta — ação e responsabilidade — indicam que há uma exigência em Sartre por manter as discussões existenciais na horizontalidade, ou seja, no terreno do concreto. Ao tratar da ação e da responsabilidade como pressupostos morais em nosso autor, identificamos que o objetivo de uma proposta moral visa, sobretudo, uma mudança social que parte, antes de tudo, das ações humanas pautadas em

valores também humanos. O homem nadifica, transcende, age e cria um horizonte no qual ele é radicalmente o legislador. A liberdade que é seu ser afeta e transforma a individualidade e a coletividade. Sartre declara que “toda ação é criação. Criação do mundo, de mim mesmo e do homem.” (SARTRE, 1983, p.129)³ e nós identificamos indícios de uma moralidade a partir da radicalidade inerente aos conceitos explorados nessa. Por fim, acreditamos que há uma possibilidade de discutir acenos a uma moral em Sartre a partir desses caminhos, ou seja, do compromisso total do homem — ao agir — consigo mesmo, com o mundo e com a própria humanidade.

REFERÊNCIAS

Primária

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica**. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Secundária

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. O Imperativo Ético de Sartre. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 151-160.

MÉSZÁROS, Istvan. **A obra de Sartre: busca da liberdade**. São Paulo: Ensaio, 1991.

MÜNSTER, Arno. **Sartre et la Morale**. Paris: L’Harmattan, 2007.

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Tradução: Cesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **Anarquia e Moral. Entrevista de Jean-Paul Sartre** concedida a R. Fornet-Betancourt, M. Casañas e A. Gomes. Concordia, Espanha, nº1, p.75-77. 1982.

SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do ego: esboço de uma descrição fenomenológica**. Tradução de João Batista Kreuck. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

³ Toute action est création. Création, du monde, de moi-même et de l’homme. (SARTRE, 1983, p.129).

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da Razão Dialética: precedido por Questões de Método.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **Diário de uma guerra estranha.** Tradução Aulyde Soares Rodrigues e Guilherme João de Freitas Teixeira. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço de uma Teoria das Emoções.** Porto Alegre: L&PM, 2010.

SARTRE, Jean-Paul; MALRAUX, André. **Malraux e Sartre falam de.** Tradução Antônio José de Almeida. 1.ed. Lisboa: Moraes, 1976.

SARTRE, Jean-Paul ; PIERRE, Victor ; PHILIPPE, Gavi. **Porquê a Revolta?** Lisboa: Sá da Costa, 1974.